**DEPOIMENTO DE UM DESIGNER**

Enquanto criança, levanta-se a eterna questão sobre o que queremos ser quando formos grandes. Parece ser esta uma forma de sonhar e manifestar desejos, tendo por base o mundo mais próximo que nos rodeia, nomeadamente a família. Porém, não tenho uma memória viva sobre o assunto. Retenho apenas uma lembrança difusa, enquanto menino sardento numa aldeia do Douro, nos anos 60/70, que ser professor era ser alguém que brilhava um pouco no obscurantismo da época.

Por influência paterna, grande fervoroso das fardas, pela própria profissão que cumpriu, polícia, também eu, tal como o meu irmão mais velho, deveríamos ter enveredado por uma missão patriótica, ao serviço do país. Assim, o meu irmão alistou-se na Marinha aos 16 anos e uns anos mais tarde, eu entro na Força Aérea, com 18 anos. A coisa prometia!

Tenho ainda bem presente na memória a imagem de felicidade do meu pai, quando via o meu irmão envergando a farda branca. Também eu uma ou outra vez tive de vestir a minha, azul, mas parece que rapidamente o meu pai se apercebeu da minha recusa mental e falta de jeito para a exigência das fardas. E assim, apesar da tentativa, ambos desistimos e o sonho do meu pai não se fez cumprir.

Depois de uns anos de incerteza, optei por fazer a licenciatura em Publicidade e, desta forma, ficar mais próximo de um mundo que sempre me fascinou: a imagem, a fotografia, o desing, as artes plásticas, a literatura e a moda. Esta última enquanto retórica de representação que explorei na monografia apresentada, com o tema O implícito na Publicidade, enquanto requisito necessário para a obtenção do grau de licenciado. Ainda durante a licenciatura, nasce uma agência de publicidade com colegas da faculdade, que será, a bem dizer, um laboratório de excelência para todos nós, jovens académicos, a quererem dominar a área. Aí, o limite era a imaginação da equipa que, não raras vezes, era travada pelo cliente.

Embora tivesse já alguma familiaridade com o mundo da Moda, nomeadamente em termos de imagem, há pouco mais de 20 anos cruzei-me com ela a um outro nível. Procurava, então, após a licenciatura em Publicidade em 1996, prosseguir a minha formação académica. As raras opções existentes em Portugal, nomeadamente no centro norte, onde moro, levou-me ao Departamento de Engenharia Têxtil, da Universidade do Minho, que à época tinha um Mestrado em Design e Marketing, focalizado na Moda. A falta de outras opções, levava a que alunos de áreas diversas, nomeadamente pintura, design, fotografia, comunicação e publicidade, procurassem esse curso, a fim de continuarem o seu precurso académico. Foi o que aconteceu comigo e com a turma da qual fiz parte, que reuniu um grupo de colegas com formações variadas, resultando daí uma troca enriquecedora e marcante.

Aí tive efetivamente o meu primeiro contacto com o mundo da Moda, no que diz respeito ao conhecimento do seu universo, em termos de tecnologia; da delicadeza de alguns materiais; dos sistemas de produção; da estética enquanto expressividade de uma ideia; da importância da forma e da ergonomia; dos sistemas de tingimento de tecidos, entre outros.

Ora, esse mergulho na moda, não rejeitou a minha formação base. Pelo contrário, complementou-a e de forma absorvente. Lembro-me bem que as aulas eram um momento de procura com devoção e empenho. Recordo de forma indélevel, as aulas de desenho de moda, cuja professora, uma viajante inveterada, que entre esboços e tendências nos ia contando as suas histórias de viagem, nomeadamente à India, país que ela adorava e ao qual regressava em trabalho duas vezes por ano. Embuído nessas aventuras de procura de raízes ancestrais que ela fazia, eu próprio viajei por muitos desses locais que ainda não visitei.

Concluída a componente letiva do curso, o estágio e respetiva dissertação decorreu numa empresa de vestuário de trabalho, Synfiber, que transportou para Portugal todo o seu know how nórdico, na produção deste tipo de roupa. Equipavam profissões nas quais o vestuário tem uma forte componente de proteção humana. Interiorizei, então, que os materiais, a ergonomia, a função e a durabilidade são fatores de máxima importância neste tipo de produtos. Talvez tenha aqui germinado, quem sabe, a semente da sustentabilidade que mais tarde regada, floriu e deu frutos. Mas, já lá vamos!

No mesmo departamento onde concluí o mestrado, surgiu o convite, que não rejeitei, de fazer um Doutoramento, com projeto que reuniu a Publicidade e a Indústria Têxtil. Foi neste contexto que iniciei o meu trabalho com pigmentos “inteligentes” e que desde então tenho utilizado noutras áreas, nomeadamente nas artes plásticas e, mais recentemente, com tentativas na Moda.

Nunca me arrependi da opção de ter saído da minha zona de conforto, a comunicação e a publicidade. Efetivamente, não saí, mas ampliei, tendo abarcado novos horizontes, novas possibilidades e diferentes formas de fazer, o que sempre acontece quando existe a interseção de áreas do saber. Acredito piamente que diferentes olhares enriquecem toda e qualquer abordagem teórica ou prática. Acredito também que a ciências disciplinar morreu (Alan Leshner) e a inovação em todas as áreas da atividade humana surge preferencialmente quando se cruzam olhares provenientes de várias áreas. O exercício de aceitar o mundo segundo vários pontos de vista é, pois, um ato de cidadania, de respeito para com o outro. Por mais válidas que as nossas ideias nos possam parecer, existem sempre outras possibilidades tão ou mais credíveis.

A tal lembrança difusa de ser professor veio a concretizar-se no ano letivo, logo que iniciei o Mestrado, em 1997. Contudo, mantendo sempre atividade paralela na publicidade, no design e mais tarde, no decorrer do doutoramento, na indústria gráfica, quando a impressão digital começa a dar passos significativos na Indústria Têxtil.

Após a conclusão do doutoramento, em 2006, surge o convite para integrar o corpo docente da Universidade Fernando Pessoa, enquanto professor efetivo. A missão, para além das aulas convencionais, era a de criar em ambiente académico uma agència de publicidade, que envolvesse os alunos de licenciatura em comunicação e lhes desse uma perspectiva de mercado, partindo da sua formação teórica. Foi isso o que aconteceu e se mantém até hoje. Ao longo dos anos foram desenvolvidas muitas acções de comunicação focalizadas em causas sociais, tais como o VIH, a Solidão, a Obesidade, entre outras temáticas de consciencialização.

Até que, em 2015, chegou o convite para orientar a dissertação Moda Sustentável, Consumo Consciente e Comunicação: estudo de casos no Rio Grande do Sul, texto base deste livro. Surgiu, assim, o meu envolvimento nesta causa social e também o retomar da Moda que tinha ficado um pouco lá atrás.

Hoje, a Moda Sustentável e o Consumo Consciente fazem parte do dia-a-dia. Enquanto docente, e sem qualquer esforço nesse sentido, são temáticas sempre presentes quaisquer que sejam as matérias a lecionar: design, criatividade, publicidade, entre outras. Afinal, onde não cabe uma filosofia de vida?

Retomando o estágio, nos dois últimos anos mais de uma centena de alunos estiveram diretamente envolvidos na produção de ações de comunicação diversificadas focalizadas no Slow Movement (Slow Fashion, Slow Food, Slow School e Slow Cities) e no Consumo Consciente. Empresas que partilham esta filosófica de vida foram envolvidas, dando um contributo inestimável para a causa. Houve apresentação de produtos, comida saudável, desfiles com jovens e até meninas de tranchinhas... Tudo em prol de um alerta no qual os jovens deverão ser os grandes protagonistas. O futuro será!

A viagem que agora começou e que não vai parar, o planeta assim o exige, deve-se a uma gaúcha que, um dia, resolveu fazer um Mestrado em Portugal.

Obrigado Madeleine!

Afinal, vale sempre a pena, quando a alma não é pequena!

**Francisco Mesquita [Maio de 2018]**